

O PAPEL DAS PEQUENAS CIDADES NA REDE URBANA DO OESTE PAULISTA

Tânia Maria Fresca – UEL

RESUMO

Este trabalho procura analisar a dinâmica funcional urbana das pequenas cidades do Oeste Paulista enfocando-se as relações funções-forma. Empreendeu-se a análise do papel destas cidades pequenas inserindo-as no contexto da rede urbana de Marília- SP enquanto uma dimensão espacial da organização social.

A ocupação do Oeste Paulista, intensificada a partir da década de 1920, foi profundamente orientada pela especulação fundiária. Se esta fora negócio rendoso no século passado e início do atual, a partir da referida década, tornou-se generalizado, dando origem inclusive, à atividade imobiliária. Neste ramo de atividade articulavam-se interesse de grandes proprietários, de companhias ferroviárias e, às vezes, do capital estrangeiro.

Através das frentes pioneiras U oeste Paulista, representado no mapa 1 na página seguinte, pode se incorporado à economia do estado no qual a produção agrícola era a principal atividade. No processo de incorporação da novas terras, o café era grande impulsionador embora estivessem sendo postas novas exigências que suscitavam maior diversificando da agricultura.

No momento em que ocupação se fazia com base nos loteamentos voltados principalmente à pequena propriedade às vezes dominante em uma região como a Alta Paulista enquanto em outras convivia lado a lado com a grande, a exemplo da Alta Sorocaban – e na maior expansão da atividade agrícola, a presença de um sistema urbano tornava a fundamental.

As redes urbanas regionais no Oeste Paulista evidenciaram um salto qualitativo na divisão territorial do trabalho, pois foram capazes de desenvolver serviços de apoio à produção rural a uma atividade produtiva tipicamente urbana, como a transformação de produtos agrícolas.

As redes urbanas estruturadas a partir de então diferenciavam-se daqueles emergidas na porção leste do território paulista no século XIX e início do século XX. As cidades se caracterizavam basicamente por fornecer à economia cafeeira comércio e serviços de apoio à produção agrícola e principalmente por serem coletoras desta. Constituíam redes urbanas estruturadas e como tal cada cidade caracterizava-se por exercer funções que atendessem às suas necessidades de modo a garantir sua existência e reprodução.

No entanto, as redes urbanas no Oeste Paulista, nascidas no período em que a economia brasileira se diversificava, tornaram-se capazes de ampliar suas funções no que diz respeito à produção propriamente dita, ou seja, as cidades foram capazes de ultrapassar o papel predominante de intermediação o para exercerem funções ligadas à produção, como a beneficiamento e

acompanha-la pareço dando origem a presença das “maquinistas” como financiadores da produção. Este “maquinistas”, no entanto, estenderam até a frente pioneira uma função urbana que até então não se fazia presente, contribuindo de maneira decisiva na ocupação do território. Com a expansão do sistema bancário, as relações pessoais entre “maquinistas” e produtor rural foram substituídas por relações impessoais nas quais o segundo tornou-se subordinado ao capital financeiro.

Através de mecanismos como os financiamentos, empréstimos e seus respectivos juros, depósitos em poupança e outras operações diversas, próprias do sistema financeiro, contribui para um controle sobre o processo de criação, apropriação e circulação do valor.

O serviço de transporte, por sua vez, agilizou e modernizou a circulação material da produção através das ferrovias e possibilitou às cidades tornarem-se um elo mais forte entre os fluxos. E no caso da região da Alta Paulista a rodovia intercedeu e ferrovia.

As novas funções suscitadas á agricultura, principalmente a ampliação de produção de matérias primas ás indústrias alimentícias e têxteis, geraram a possibilidade de implantação de indústrias dispersas no Oeste Paulista, mas intimamente associadas á industrialização da capital estadual.

Foi neste quadro geral que a rede urbana de Marília emergiu e se estruturou ou seja, no momento em que a organização espacial regional deveria atender ás necessidades da economia que de base agrária- exportadora se transformava em economia urbano- industrial, atribuindo uma certa forma e determinadas funções a esta mesma rede, conforme mapa 2 nas página seguinte.

A forma assumida pela rede urbana de Marília – forma espacial complexa, onde ocorrem todos os níveis hierárquicos de centros; na qual os centros maiores localizavam-se intersticialmente aos menores, sendo que a maioria dos núcleos urbanos alinham-se ao longo de uma rota, no caso, ao longo dos trilhos da Companhia Paulista de Estrada de Ferro demonstra o modo pelo qual a rede urbana participa na divisão territorial do trabalho. Esta apresenta uma elevada densidade de núcleos urbanos, com distancias médias entre eles variando de 10 a 15 Km.

A explicação da forma espacial assumida pela rede urbana está no próprio processo que originou sua implantação: a partir da década de 1920 a ocupação do território, centrada em grande parte nas pequenas propriedades onde não se fazia presente a estrada de ferro mais apenas uma estrada de rodagem, resultava na intensa necessidade de núcleos urbanos que deveriam ser primeiramente responsáveis pela intermediação de produção rural e pelo fornecimento de bens e serviços á população. Cada localização de núcleo urbano continha maior ou menor racionalidade mas no geral, objetivava a minimização dos custos e a maximização dos lucros, participando diferencialmente do processo de criação, apropriação e circulação do valor excedente.

Esta forma espacial, no entanto, só atinge sua plenitude, isto é, só termina seu processo de estruturação no final da década de 1940, quando se verifica a fundação dos últimos núcleos urbanos no extremo oeste de seu território. Isto significa que somente a partir deste momento ocorre a plenitude das relações funções-forma, ou seja, a forma estava pronta para desempenhar as funções que lhe foram atribuídas naquele momento. Consideramos este momento como sendo a década de 1950.

A complexidade especial que ela assumiu a partir de então passou a ser correlata à complexidade da mesma. Esta complexidade funcional manifestava-se concretamente na elevada densidade de pequenos centros urbanos nos quais ocorria um mínimo de complexidade das atividades urbanas que eram capazes de responder às necessidades de sua população e da zona rural vizinha. Cada pequeno núcleo participava com maior ou menor intensidade dos processos sociais, como a criação, apropriação e circulação do valor excedente.

A estruturação da rede urbana de Marília se deu concomitante a maior concentração da industrialização em São Paulo e se articulava a ela através do fornecimento de gêneros alimentícios, como transformadora e beneficiadora de produtos agrícolas, além de ser um grande mercado consumidor para os produtos industrializados. Nos anos 50 tinha-se uma produção industrial dispersa pela rede urbana, mas intimamente ligada à produção agrícola e que no conjunto gerava condições vantajosas para o desenvolvimento industrial na capital paulista.

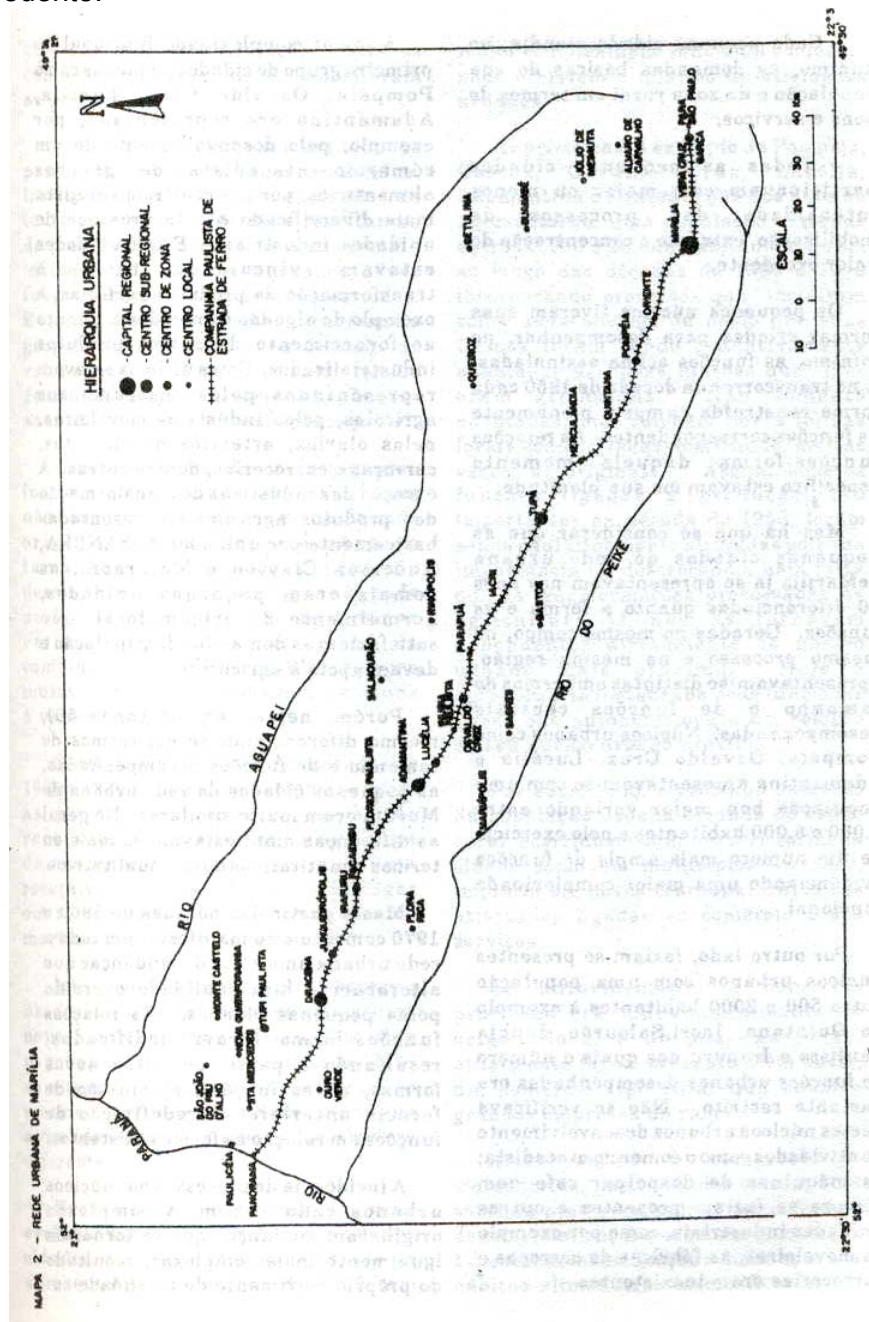
No conjunto, a rede urbana de Marília caracterizava-se por dar condições efetivas para que a ocupação do território se concretizasse e por desempenhar funções tanto ligadas à produção agrícola como vinculadas ao fornecimento de bens e serviços à sua população.

No entanto, as pequenas cidades pertencentes a rede urbana de Marília desempenharam papéis específicos na década de 1950 como:

- Em primeiro lugar os pequenos núcleos esqueceram um papel fundamental no processo de ocupação do território. A presença de uma “cidade do campo” era garantia efetiva para que as terras fossem ocupadas por um elevado número de pequenos proprietários. Cada pequeno núcleo garantia o desenvolvimento de multivariadas atividades urbanas de apoio à produção e à população;
- Cada pequena cidade da rede urbana direta e indiretamente exercia funções ligadas à produção propriamente dita. Estas funções foram exercidas diretamente, quando o núcleo urbano se fazia presente as máquinas de beneficiamento, a função de crédito exercido pelos bancos e/ou “maquinistas” e pela função de transporte que neste momento podia ser representada pelas ferrovias e/ou estradas de rodagem. Indiretamente estas funções foram exercidas por alguns núcleos urbanos através da atuação em seu território de agentes de atuação em seu território de

agentes de outros núcleos, como por exemplo “maquinistas” que adquirem a produção e desempenham de crédito;

- Cada pequena cidade atendida, no mínimo às demandas básicas de sua população e da zona rural em termos de bens e serviços;
- Todas as pequenas cidades participavam com maior ou menor intensidade dos processos de mobilização, extração e concentração do valor excedente.



Os pequenos núcleos tiveram suas formas criadas para desempenhar, no mínimo, as funções acima assinaladas. E no transcorrer da década de 1950

cada forma construída cumpriu plenamente as funções correspondentes. As relações funções- forma daquele momento específico estavam em sua plenitude.

Mas há que se considerar que as pequenas cidades da rede urbana de Marília já se apresentavam nos anos 50 diferenciadoras quanto a forma e as funções. Geradas no mesmo tempo, no mesmo processo e na mesma região, apresentavam-se distintas em termos de tamanho e de funções centrais desempenhadas. Núcleos urbanos como Pompéia, Osvaldo Cruz, Lucélia e Adamantina apresentavam-se com uma população bem maior variando entre 5 000 e 8 000 habitantes e pelo exercício de um número mais amplo de funções evidenciando uma maior complexidade funcional.

Por outro lado, faziam-se presentes núcleos urbanos com uma população entre 500 e 2 000 habitantes á exemplo de Quintana, Iacri, Salourao, Inúbia Paulista e Alrapuru nos quais o número de funções urbanas desempenhadas era bastante restrito. Não se verificava nestes núcleos urbanos desenvolvimento de atividades como o comércio atacadista; as máquinas de despolpar café nem sempre se faziam presentes e outras unidades industriais, como por exemplo as moveleiras, as fábricas de corrocas e carrocerias eram inexistentes.

A maior complexidade do primeiro grupo de cidades pequenas como Pompéia, Osvaldo Cruz, Lucélia, Adamantina era representada, por exemplo, pelo desenvolvimento de um comércio varejista mais diversificação e pela presença de unidades industriais. Estas unidades estavam vinculadas tanto á transformação de produtos agrícolas, á exemplo do algodão e amendoim, quanto ao fornecimento de outros produtos industrializados. Estes últimos estava, representados pelos industriais moveleiras, pelas olarias, artefatos de cimentos carroças e carrocerias, dentre outras. A exceção das indústrias de transformação dos produtos agrícolas, representadas basicamente por unidades da SANBRA, Anderson Clayton e Matarazzo, as demais eram pequenas unidades, normalmente de origem local, que satisfaziam as demandas da população e deviam apoio á agricultura.

Porém, neste período (ano 50), mesmo diferenciando-se em termos de tamanho e de funções desempenhadas, as pequenas cidades da rede urbana de Marília era muito similares. No geral as diferenças manifestavam-se mais em termos quantitativos do que qualitativos.

Mas a partir das décadas de 1960 e 1970 começou a se manifestar em toda a rede urbana uma série de mudanças que alteraram a funcionalidade exercida pelas pequenas cidades. As relações funções- forma foram modificadas, resultando a partir de então novas formas, novas funções, eliminação de formas anteriores e redefinição de funções em relação ás formas existentes.

A incidência de processos dos núcleos urbanos cada vez mais complexos originaram mudanças que se retornaram igualmente mais complexas, resultando do próprio movimento de totalidade social que modifica as relações entre os componentes da sociedades e que alteram os processos.

A partir do momento em que os processos – que são de ordem econômica, institucional e cultural e emanados de todos os níveis de decisão o resultantes da própria dinâmica econômica social indicem sobre os núcleos urbanos, novas funções são suscitadas a serem exercidas. E para que isto aconteça as formas geográficas se alteram ou mudam de valor e o espaço se modificam para atender às transformações da sociedade. Impoe-se então uma nova organização espacial.

A complexidade dos processos que incidem agora sobre o núcleos urbanos soa resultam, como no momento de suas origens, em diferenças apenas no tamanho e nas funções centrais desempenhadas, pois um lugar não pode acolher nem todas nem as mesmas variáveis. E quando as escolhe, as combina de maneira singular embora muitas vezes as variáveis sejam comuns á vários lugares.

Sendo assim, ao longo das décadas de 1960 e 1970 os processos incidentes sobre as pequenas cidades foram sendo recebidos de maneiras singulares demonstrando que ocorreu uma receptividade específica de cada lugar em relação aos processos emanados do movimento da totalidade social.

Isto implica que as cidades pequenas na década de 1980 apresentavam uma nova funcionalidade urbana, isto é, o papel exercido por elas se alterou. Mas alterações processadas não foram as mesmas para todas as cidades posto que a realidade manifesta-se espacialmente diferente.

Evidencia-se no conjunto uma evolução diferenciada entre as pequenas cidades, ou seja, entre aquelas que se apresentavam na década da 1950 com maior complexidade funcional e aqueles onde ocorriam o mínimo de atividades urbanas.

As primeiras, á exemplo de Pompéia, Bastos, Osvaldo Cruz, Lucélia, Adamantina e Dracena, que nos anos 80 apresentaram uma população variando entre 22 000 e 28 000 habitantes, foram ao longo das décadas de 1960 e 1970 incorporando processos que incidiriam sobre seus formas foram sendo gradativamente adaptadas ás novas funções que lhes eram atribuídas. Não somente adaptadas, mas também novas formas foram sendo criadas destruindo, muitas vezes, as originais. Assim, aqueles funções ligadas á produção, tão importantes na década de 1950, foram sendo paulatinamente alteradas posiu sua importância foi decrescendo, haja vista que as transformações processadas na agricultora já não as tornavam dependentes diretamente do núcleo urbano mais próximo. Hoje a agropecuária instaurada pode funcionar quase que autonomamente em relação ao seu núcleo urbano próximo.

Por outra lado, o contínuo aumento da população urbana oriundo do êxodo rural, ocorrido no domínio territorial da cidade como em municípios vizinhos, implicou em novos reordenamentos das atividades ligadas ao comércio e aos serviços.

Se anteriormente o comércio praticado era fundamentalmente de origem local e de pequeno porte, atualmente faz-se presente além deste, um comércio tipo filial que envolve grandes empresas do ramo.

Alteraram-se o comércio de mercadorias, as atividades sociais, e os serviços prestados, pois as novas formas de comercialização e consumo vinculadas á crescente massificação e mudanças nos hábitos alimentares intensificaram-se.

Com isto o terciário das cidades desenvolveu incorporando novos requisitos nas formas de comercialização, de financiamento e aos, mesmo tempo, ampliando as necessidades de transporte, armazenagem e comunicação.

Cidades como Bastos, Pompéia, Osvaldo Cruz, Adamantina foram capazes de incorporar processos que resultaram em uma certa “substituição” de atividades. Aquelas ligadas basicamente á produção agrícola suscitaram outras atividades urbanas dentre as quais, as indústrias.

Grande parte das pequenas unidades que se faziam presentes nas pequenas cidades, na década de 1950 foram preservadas e até mesmo ampliadas. A maior importância assumida pelas industriais passa a ocorrer a partir da década de 1970, coincidindo como o período do “milagre brasileiro” e com o processo de desconcentração espacial da Indústria metropolitana paulista. Expandiram-se as indústrias alimentícias, permaneceram as pequenas indústrias moveleiras, ampliaram-se as pequenas metalúrgicas dentre outras. Entretanto, as unidades industriais transformadoras de produtos agrícolas, no caso algodão e emendoim, permaneceram estagnadas. Isto ocorreu porque todas as unidades instaladas na década de 1950 e 1960 que processavam o algodão e o emendoim forma, a partir da década de 1970, reduzindo suas atividades face ás transformações da agricultura.

Mas nos anos 80 o que se verifica em relação as industriais transformadoras de produtos agrícolas é uma reorganização, ou seja, há a tendência de que todas as unidades presentes cidades sejam fachadas e, em contrapartida seja instalado em uma única e pequena cidade um grande complexo industrial, processando a soja. Isto é o que tende a contender por exemplo com a GRANOL Indústria, Comércio e Exportação S. A., que deverá encerrar as atividades correspondentes em várias cidades da região da Alta Paulista, e instalar em Osvaldo Cruz uma grande unidade industrial.

Verifica-se que, processos que incidiram sobre este grupo de pequenas cidades ao longo das décadas de 1960 e 1970 valorizaram suas localizações que de modo geral atendem melhor á lógica capitalista de acumulação. Sendo assim, estas pequenas cidades tornaram-se pontos preferenciais para os investimentos em setores industriais. Continuamente vi nestas cidades a ampliação de unidades industriais, principalmente aquelas voltadas bens de consumo.

Este processo de industrialização no Oeste Paulista, pouco conhecido, precisa ser estudado de modo a se compreender melhor a dinâmica regional. É preciso verificar em que medida as classe dominante neste cidades participam no

processo de industrialização. Uma outra questão que suscita maiores aprofundamentos refere-se aos investimentos em atividades agropecuárias na região Centro- Oeste Paulista. Verificar a origem e a dimensão deste capital investido constitui-se em um importante campo de pesquisa.

Ao se observar o mapa 2 onde está representada a rede urbana de Marília verifica-se que a localização destas cidades é intersticial aos núcleos urbanos os menores. Como a consequência, as primeiras participam de modo mais intenso na divisão social e territorial do trabalho suscitando, correlatamente, maior escala de interações espaciais facilidade pelos novos de circulação.

A este maior desenvolvimento de cidades como Pompéia, Osvaldo Cruz, Adamantina e Dracena, opõe uma certa estagnação de cidades menores como Iacri, Sagres, Salmourao, Inúbia Paulista, dentre outras.

Em contrapartida, aqueles pequenos núcleos que na década de 1950 satisfaziam as necessidades básicas da população e davam o mínimo de apoio á produção, tiveram uma evolução bastante diferenciada. Estes não foram capazes ao longo das décadas subseqüentes, de incorporar os vários processos que incidiram sobre os mesmos. Exemplos destas cidades são Orientes, Iacri, Samourao, Sagres, Inúbia Paulista, Mariápolis, Flora Rica, que nos anos 80 apresentavam-se com uma população de até 5 000 habitantes.

Tendo sua razão de ser centrada na atividade agrícola, a partir do momento que se realizaram alterações na agricultura estas imediatamente impactaram nos núcleos urbanos.

Continuamente a agricultura foi sendo substituída pela pecuária e por complexos agroindustriais de cana-de-açúcar. Este novos setores não demandam do núcleo urbano, de funções diretamente ligadas a eles, funcionando quase que autonomamente em relação á ocorreu o esvaziamento do campo e a população expulsa direcionou-se para as cidades de maior hierarquia urbana, como por exemplo, os centros de zona, centro sob-regionais e capital regional.

Os próprios núcleos foram perdendo suas populações que emigram em busca de novos mercados de trabalho, normalmente atraídas pelo empregos gerados no setor industrial na metrópole paulista. Neste processo uma parcela da população que não migrou, transformou-se em bóias- frias.

Não se verifica nestas pequenas cidades o desenvolvimento de novas funções especificamente urbanas como as atividades industriais e a prestação de serviços especializados. Seu papel no anos 80 restringe-se basicamente a fornecer a população local na bens e serviços necessários para satisfazer suas demandas vitais de sobrevivencia e reprodução.

No transcorrer dos processos de modernização da agricultura e substituição das lavouras por pastagens e canaviais, estas pequenas cidades tornaram-se pontos preferenciais para a residência da população alijada da produção.

Despojados dos seus meios de produção que lhes garantiam seu sustento, os camponês transformaram-se em trabalhadores assalariados em bóias-frias.

A presença desta força de trabalho tornou-se um elemento de fundamental importância na alteração de funcionalidade exercida por este grupo de cidades. É na oferta de uma força de trabalho, constituída basicamente por bóias-frias para trabalhar nas atividades agropecuárias da região, que consiste atualmente o principal papel exercido por cidades como Inúbia Paulista, Sagres, Salmourao, dentre outras.

Do ponto de vista dos processos sociais estas cidades mobilizam, extraem parcelas do valor excedente. A parcela concentrada no núcleo urbano, entretanto, é diminuta, sendo que a maior parte é diminuta, sendo que a maior parte é reinvestida extra-regionalmente. Isto não significa que nas outras pequenas cidades parte do valor excedente não seja reinvestido extra-regionalmente, mas a parcela reinvestida nos núcleos urbanos é maior.

Mantém-se estas pequenas cidades da rede urbana como uma participação bastante restrita na divisão territorial do trabalho, funcionando mais como locais de abrigo de força-de-trabalho rural.

Vista por outro ângulo, a rede urbana de Marília na década de 1950 teve nas pequenas cidades o apoio necessário para o povoamento de seu território e mais ainda, teve nestas pequenas núcleos o seu mais importante representante de apoio aos processos de acumulação. Naquele momento a acumulação centrava-se basicamente na produção agrícola.

Mais tarde, quando o padrão de acumulação capitalista firmou-se na produção industrial que modernizou a agricultura e paralelamente retraiu a força de trabalho rural, começou o esvaziamento do campo. Neste processo, as pequenas cidades da rede urbana passaram a funcionar como “exportadoras” de força de trabalho para onde ela se fazia necessária, ou seja, para a indústria concentrada na metrópole paulista.

Muitas destas pequenas cidades, no entanto, foram capazes de se integrarem as transformações que se processaram, rearticulando suas formas para realizarem novas funções enquanto que outras permaneceram com suas formas antigas ou adquiriram um número bastante restrito de novas funções para as quais houve um reordenamento espacial com criação de novas formas.

BIBLIOGRAFIA

CORREA, Roberto Lobato. **Região e Organização espacial**. São Paulo, 1987.

_____ **A rede urbana**. São Paulo, Atica, 1989.

HARVEY, David. **A justiça social e a cidade**. São Paulo: Hucitec, 1980.

HOLLOWAY, Thomas H. **Imigrantes para o café: café e sociedade em São Paulo- 1986, 1934.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984.

INCAO, Maria Conceição de **O “bóia- fria”, acumulação e miséria.** Petrópolis: Vozes, 1983.

LEFEBVRE, Henri, **O direito á cidade.** São Paulo, Documento, 1969.

MAMIGONIAN, Armen. O processo de industrialização em São Paulo. **Boletim Paulista de Geografia.** São Paulo, n. 50. 1976, p. 85-102.

MOMBEIG, Pierre. **Pioneiros e fazendeiros de São Paulo,** São Paulo: Hucitec- Poólis, 1984.

RANGEL, Ignácio. A história da dualidade brasileira. **Revista de Economia Política.** Brasiliense, vol., 1, n. 4, out./dez, 1981.

_____ **Economia: Milagre e anti- milagre.** 2ed, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

SANTOS, Milton. **Espaco e sociedade:** ensaios, 2ed., Petrópolis Vozes, 1982.

_____ **Espaco e método.** São Paulo, Nobel, 1985.

_____ **Por uma Geografia Nova.** 3ed., São Paulo: Hucitec, 1986.